

CAMINHOS DA IMIGRAÇÃO ITALIANA NO RIO GRANDE DO SUL (CXI)

OUTRAS ETNIAS

Sempre que se fala dos primeiros tempos da imigração italiana prefere-se ressaltar as múltiplas dificuldades enfrentadas para se instalarem em seus lotes. Na verdade, tudo precisava começar da estaca zero ou quase. As casas prometidas não existiam. O material para sua construção precisou ser fabricado artesanalmente. A floresta devia ser dominada pela força dos braços. Faltava tudo, desde comida até um lugar para rezar. Mas, aos poucos, tudo foi superado, ou, como disse o velho Mateus Busanello nos seus setenta anos: "o homem que tem saúde deve ir para um lugar onde haja terras para trabalhar e não onde pode encontrar esmolas". Apesar da legitimidade em reconhecer essas dificuldades iniciais, é importante ir além, pois os imigrantes, além de terem que se adaptar ao meio ambiente hostil, encontraram outras dificuldades, nem sempre lembradas, no processo de convivência e integração com outros grupos de imigrantes de outras etnias, com os grupos já presentes, portugueses e negros, e, em especial, com os povos nativos, os índios.

A adaptação ao meio físico somente dependia do trabalho para dominar a resistência e as potencialidades da natureza em proveito próprio. A natureza devia curvar-se à vontade do homem. Os mesmos procedimentos não podiam ser aplicados nas relações com as outras etnias. Em relação aos outros grupos étnicos todos sabiam que era necessário ter respeito e reconhecimento à diversidade cultural, sua língua e costumes. Para a maioria dos imigrantes italianos era uma experiência nova, especialmente, quando as diferenças eram maiores. Por sorte esta prática de adaptação e acomodação teve a primeira experiência internamente, isto é, entre os próprios italianos.

Apenas para lembrar. Todos os relatos históricos reconhecem que os primeiros imigrantes mantinham uma forte distinção entre si a partir de suas regiões ou cidades de origem como tirolezes, cremoneses, trentinos, friulanos, trevisanos, lombardos etc., que, às vezes, levava a gestos de desconfiança, por vezes, de desprezo e ridicularizações. Eram atitudes surgidas na Itália e herdadas do tempo anterior à unificação. Os pontos mais questionáveis eram as diferenças de fala e de costumes familiares. Essa situação mostrou e impôs a necessidade de superar as diferenças e construir uma convivência de aceitação e convivência pacíficas. Foi um excelente exercício de formação de comunidades diversificadas. Assim, já na primeira geração de descendentes estas diferenças ficaram enfraquecidas, e, praticamente, desapareceram na segunda e terceira gerações com os casamentos. A idéia de italianidade prevaleceu diante das regionalidades, em especial, a partir das comemorações do centenário da imigração italiana, com a formação de uma língua comum, o Talian, como foi batizada, com o surgimento de grupos de teatro, dos programas radiofônicos, das publicações, artigos e livros, em Talian. Outro fator muito importante, que não se pode esquecer, é o interesse das Universidades em valorizar as diversidades lingüísticas e culturais. Um exemplo recente é a publicação do Nanetto Pipetta, a já consagrada obra de Frei Aquiles Bernardi, em seis idiomas.

CAMINHOS DA IMIGRAÇÃO ITALIANA NO RIO GRANDE DO SUL (CXII)

AS ETNIAS EUROPÉIAS

Ao mesmo tempo em que os imigrantes italianos iam se convencendo que sua identidade que os unificava era a italianidade, e não seus regionalismos, foram também se aproximando das outras imigrações étnicas presentes no Rio Grande do Sul, bem como as demais populações já presentes a mais tempo, os negros e, acima de tudo, os índios.

Quanto aos grupos europeus a integração foi mais segura e mais tranqüila, graças aos valores comuns que fundamentavam e fundamentam ainda hoje as culturas européias em seu conjunto, Seja na área social, econômica, política e religiosidade cristã.

Não é preciso insistir no fato de que a imigração italiana, em solo gaúcho, foi a mais numerosa ocupando um espaço territorial mais extenso o que poderia dar-lhe maior influência sobre as demais. O que não aconteceu.

Neste contexto de integração étnica, ninguém duvida, a imigração alemã desempenhou uma posição fundamental ao lado os italianos. Eles chegaram meio século antes. Já estavam bem instalados e desenvolvendo um trabalho exemplar na agricultura. Os imigrantes italianos, na caminhada para a ocupação de suas colônias, passaram pelas terras cultivadas pelos alemães. Deles receberam encorajamento, se não em palavras cuja língua lhes era estranha, mas pelo trabalho desbravador e produtivo, já com cidades bem organizadas e bem equipadas com prestações de serviços básicos. Os historiadores confirmam que os imigrantes alemães foram fundamentais para minorar, pelo menos em parte, as dificuldades iniciais de instalação. São inúmeras as vezes que os italianos encontraram, nos imigrantes alemães, apoios e ajuda sem restrições.

A convivência maior entre alemães e italianos, entretanto, sofreu algumas dificuldades. Vou lembrar duas. A primeira foi a comunicação devido a diversidade da língua. Mas esta foi superada com bastante facilidade pelo menos na esfera do trabalho e dos negócios. A língua dificultou mais a convivência familiar. A segunda dificuldade, certamente, a mais complexa se deu na separação entre católicos e protestantes. O desencontro se deu mais devido às orientações das autoridades religiosas do que entre a população, o que já foi lembrado. Hoje, felizmente, o movimento ecumênico veio sanar.

Com a imigração polonesa, a menor das três, não houve atritos significativos. As diferenças de linguagem, embora acentuadas, não impediram a comunicação. A profunda religiosidade e a devoção à Nossa Senhora foram muito favoráveis para a cordialidade.

Por fim algumas referências sobre as imigrações portuguesa e açoriana, as primeiras a ocupar o solo gaúcho sob o domínio da Coroa Portuguesa. Os açorianos, já foi dito, foram os pioneiros na ocupação da terra dentro do regime de agricultura familiar. Pode-se afirmar que a maior diferença com os italianos estava na língua. O contato com os portugueses foi mais intenso por serem os administradores da Colonização. Já os estancieiros, figuras que lembravam os nobres italianos, se tornaram modelo de ascensão social. Deles copiaram o vestuário e adotaram o cavalo como sinal de grandeza e de condição econômica..

CAMINHOS DA IMIGRAÇÃO ITALIANA NO RIO GRANDE DO SUL (CXIII)

OS NEGROS

A população negra, embora não tanto numerosa no Rio Grande do Sul como no centro e norte do País, merece, também, uma atenção especial. Poucos se lembram que quando os imigrantes italianos chegaram em 1875, o Brasil ainda não havia abolido a escravidão. Esta chegaria treze anos depois com a promulgação da Lei Áurea pela princesa Isabel em 13 de maio de 1888.

Os negros, não é preciso lembrar, chegaram ao Brasil como escravos. Esta circunstância, em princípio, nada teria a ver com os imigrantes italianos se não fossem as idéias que circulavam pelos países europeus em relação aos povos negros africanos. Diante disto vejamos dois pontos. O primeiro refere-se ao conceito que os europeus tinham dos negros e o segundo trata, ainda que resumidamente, das consequências desta mentalidade no relacionamento entre negros e imigrantes europeus em geral.

Os preconceitos contra os negros, na Europa, surgem da ideia de sua inferioridade racial. Os defensores desta inferioridade buscaram argumentos desde a bíblia até as ciências biológicas e a filosofia. Esses argumentos, hoje, perderam a credibilidade. Neste momento não há a preocupação de abordar este assunto, mas apenas reproduzir algumas citações e lembrar fatos que mostram o que se pensava e se falava antes e no tempo das emigrações para o Brasil. Essas ideias, muito provavelmente, não eram desconhecidas dos imigrantes.

Para facilitar a compreensão desta tradição racista, nada melhor do que resumir o artigo de Eduardo Galeano, (escritor uruguaio e autor do livro *As veias abertas da América Latina* – que poucos leram), em que analisou a eleição de Obama e o terremoto no Haiti. A respeito de Obama disse: “Tomara que Obama, ao entrar na Casa Branca, não se esqueça que foi construído por escravos negros”. Ao falar da população do Haiti, quase toda formada por negros, ele lembra que foram capturados na África para trabalharem nas plantações de cana e de banana, em regime de escravidão. Para completar ele reproduz frases de pensadores, filósofos e cientistas que mostram o racismo reinante na Europa. Vejamos algumas:

“É impensável que Deus, que é sábio, tenha posto uma alma, sobretudo uma alma boa, num corpo negro”. (Montesquieu, filósofo francês. 1689-1776). “O negro pode desenvolver certas habilidades próprias das pessoas, assim como o papagaio consegue articular certas palavras”. (David Hume, pensador inglês, 1711-1776). “Assim como um crocodilo jamais poderá chegar a ser uma gazela, um negro jamais poderá chegar a ser um membro da classe média”. (Francis Galton, eugenista inglês, 1822-1911) Haveria outras frases mais preconceituosas e, até, ridículas.

Mas vejamos, o que pregou o Pe Antônio Vieira (1608-1697), num sermão, sobre a escravidão: “Bem aventurados os negros que, graças à transmigração da África para o Brasil, aqui receberam o batismo que lhes garantirá a transmigração para o céu”.

É neste contexto que os povos europeus emigraram para o Novo Mundo, a América.

CAMINHOS DA IMIGRAÇÃO ITALIANA NO RIO GRANDE DO SUL (CXIV)

OS IMIGRANTES E OS NEGROS

O segundo ponto, anteriormente anunciado, trata do encontro entre negros e imigrantes no Rio Grande do Sul. O ponto central da questão é saber até que ponto se pode afirmar ou negar a existência de racismo. Não resta dúvida que havia e, talvez, ainda há uma série de preconceitos, mais fracos entre as diferentes etnias e, mais acentuados com os negros. Aprofundar o tema exigiria muito mais pesquisa do que se propõe nestas breves referências a respeito das primeiras manifestações dos imigrantes italianos em relação às pessoas negras.

Inicialmente é preciso não esquecer o que foi dito no artigo anterior a respeito da idéia da inferioridade biológica e cultural das etnias negras, uma herança que os imigrantes consciente ou inconscientemente trouxeram em suas bagagens. Para contrapor e neutralizar o peso desta herança é bom sublinhar que a maioria dos imigrantes nunca tinha visto um negro em carne e osso. Neste sentido é bom lembrar o depoimento do velho Mateus, já citado anteriormente: "na passagem pelas ilhas Canárias o que mais admiração causou, especialmente às crianças, foi a presença de homens, mulheres e crianças, todos pretos e de dentes alvíssimos". A admiração deve ter sido resultado da novidade.

Outro aspecto que deve ser considerado na compreensão dos procedimentos bastante preconceituosos entre imigrantes italianos e negros, são as diferenças de culturas em diferentes níveis. Não se trata de manter o princípio de que uma é superior ou inferior a outra, mas de focar as diversidades, especialmente, no campo religioso, na vida social, na valorização do trabalho e na administração econômica familiar.

Não se pode esquecer que os imigrantes italianos ou não, pouco conheciam sobre a história da escravidão e da abolição. Durante a escravidão os poucos negros que circulavam pelas colônias eram fugitivos das senzalas. Eles prestavam serviços esporádicos ou viviam em quilombos. Com a abolição aumentou a sua presença. Neste momento, infelizmente, ninguém se preocupou em saber como os ex-escravos sobreviviam. Pela abolição os negros ficaram livres, isto é, abandonados sem para onde ir, enquanto os seus senhores foram indenizados pela perda financeira. O seu destino foi tentar sobreviver da maneira como pudessem. Nem sempre os procedimentos foram legais. Daí as reservas e a pouca consideração que os imigrantes cultivaram. Várias passagens do Nanetto Pipetta mostram alguns traços do perfil do negro no imaginário dos imigrantes. No primeiro encontro do Nanetto com o negro (p.55, 7ª. Ed.) há uma descrição pejorativa do físico, do vestuário e da casa, cheia de percevejos e pulgas. Por outro lado Juca e a Maneca são descritos como acolhedores. Entretanto há outras passagens em que aparecem como ladrões e assaltantes.

Por fim, fatos sugerem que os negros metiam medo. Júlio Lorenzoni contou que, indo sozinho por uma picada na mata até a futura sede da Colônia Silveira Martins, encontrou um negro armado e confessa: "senti os cabelos se arrepiarem e um calafrio percorreu-me a espinha". Ao se cruzarem o negro o cumprimentou e apontou o caminho.

CAMINHOS DA IMIGRAÇÃO ITALIANA NO RIO GRANDE DO SUL (CXV)

OS POVOS NATIVOS DA AMÉRICA

Não é inútil voltar a repetir que os fatos da história não são isolados, eles fazem parte de uma cadeia contínua de acontecimentos encadeados, que somente podem ser compreendidos em seu conjunto. Compreender o que aconteceu no encontro entre europeus e povos nativos da América exige um bom conhecimento da história dos chamados descobrimentos dos séculos XV e XVI.. A presença dos imigrantes italianos, embora seja um capítulo que acontece quase quatrocentos anos depois, não pode ser separada do processo de ocupação do Brasil e da América. Aqui serão tratados alguns aspectos mais importantes, da mesma maneira que foi feito em relação à escravidão e aos negros.

Os europeus, depois que dominaram a tecnologia da navegação, passaram a se dar o direito, em certos casos o dever, de sair mundo a fora descobrir novas terras e levar a civilização cristã. A expansão do cristianismo, de fato, foi um pretexto para dominar outros povos e apropriar-se de suas riquezas. Descoberto o caminho da América, ou como cantou Camões nos Lusíadas: "Vai Colombo abre a eterna cortina e tira a América de lá", portugueses e espanhóis, desde o final do século XV, não cansaram de espoliar as terras descobertas, destruir culturas e eliminar todos aqueles que resistissem. Depois foram seguidos por ingleses, holandeses e franceses.

A história é longa e triste, pode-se dizer que o tamanho da lonjura é o mesmo que o tamanho da tristeza. Os holocaustos dos povos nativos somam muitos milhões de pessoas sacrificadas, mas deles pouco se fala, parece que foi um fato normal e inevitável, quase legitimado em nome da fé, do progresso e do desenvolvimento econômico. De vez em quando algum fato vem lembrar essas devastações e mortandades. Por exemplo, o terremoto no Haiti trouxe a tona alguns fatos da história desse país. É verdade que a grande imprensa não deu muita importância a não ser pela calamidade, sem ir às raízes desta catástrofe, não só a climática, mas e especialmente, a humana.

Poucos sabiam, antes do terremoto, que o Haiti, quando chegaram os colonizadores, era habitado, mas como os nativos não se submeteram, foram simplesmente exterminados e, em seu lugar, levaram os negros como escravos nas plantações de cana e bananas.

Os colonizadores justificavam seus procedimentos na convicção que os índios eram inferiores, como os negros. Vejamos algumas citações reunidas pelo já citado Eduardo Galeano: 1 Ignoram o direito de propriedade, tudo compartilham e não tem ambição de riqueza porque são mais parentes dos macacos do que do homem. 2 Adoram a natureza, considerando-a mãe e acreditam que ela é sagrada, porque são incapazes de ter religião e só podem professar a idolatria. 3 Andam desnudos, como se o corpo todo fosse cara, porque são selvagens sem pudor. 4 Jamais batem nas crianças e as deixam viver livremente porque são incapazes de castigar e ensinar. 5 Comem quando tem fome e não quando é hora de comer, porque são incapazes de dominar seus instintos.

Tais razões, entre outras, serviram aos "descobridores" para justificar o que fizeram.

CAMINHOS DA IMIGRAÇÃO ITALIANA NO RIO GRANDE DO SUL (CXVI)

OS POVOS DA AMÉRICA DO SUL

Lembrar a existência dos povos que viviam no continente americano, quando o tema central são as imigrações europeias, parece, para muitos, não haver nenhuma relação. Esta forma de pensar se deve, em grande parte, ao ensino de história de nossas escolas. A história da América e do Brasil, em particular, começa com a chegada dos descobridores. Na verdade a nossa história começou milhares de anos antes. Os povos que a fizeram foram quase dizimados, de diferentes formas, por aqueles que se julgaram com o direito, muitas vezes em nome de Deus ou da civilização cristã, para dominá-los, escravizá-los e, até, elimina-los. A história dos imigrantes, junto com a história dos povos nativos, deve formar a história das Américas e do Brasil. Esta seria uma longa história que, em parte, alguns historiadores começam a descobrir e mostrar a importância de ser estudada na escola..

Os historiadores têm o mérito de buscar no passado quem eram e como viviam os povos pré-descobrimento. E, diante da pouca presença de indígenas em muitos países, inclusive no Brasil, restou aos historiadores lembrar as tragédias, na verdade, verdadeiros genocídios, que os descobridores cometeram. Lembrar essa história, quase esquecida, não deixa de ser um gesto em favor de seres humanos tão duramente castigados pelos povos chamados civilizados e cristãos. Mas, para completar tal iniciativa, falta, e seria o mais importante, desenvolver uma política adequada e justa para com os descendentes destes povos, juntamente com os descendentes de escravos africanos. Essa consciência de promover um movimento em favor dos remanescentes dos povos perseguidos, escravizados e marginalizados e suas culturas, encontra poderosas resistências, especialmente, da parte dos defensores de investimentos econômicos, repetindo a mentalidade dos descobridores que, em nome da produção mais lucrativa, justificavam a escravidão..

Essa volta ao passado pré-descobrimento trouxe à tona o fato de que os povos nativos, tratados pelos europeus como selvagens, haviam desenvolvido culturas similares, senão superiores, às culturas europeias. E isto em vários sentidos, na organização sociopolítica, nas artes, na arquitetura, no respeito a todas as pessoas pela adoção do regime de vida coletiva igualitária, evitando as famigeradas classificações entre ricos e pobres, escravos e senhores. As técnicas agrícolas eram de altíssima sofisticação. Mas o sinal mais valorizado desta história, para um olhar mais superficial, está nas ruínas de sua arquitetura.

Exatamente este item, o das obras arquitetônicas, despertou maior interesse nas camadas sociais mais abastadas e cultas. As ruínas dos povos, não. Esse fato é fácil de explicar. As ruínas das cidades, construções, templos e monumentos se tornaram atrações turísticas e, como tal, alvo dos interesses econômicos dos investidores. Mais perto de nós, estão as famosas ruínas de Machu Picchu no Peru. Ninguém que as visita, por poucos conhecimentos históricos que tenha, deixa de se deslumbrar. Infelizmente nestas majestosas ruínas não estão escritas as atrocidades que Francisco Pizarro cometeu contra o povo Inca que, além do Peru, habitavam a Bolívia e parte do Equador, da Argentina e do Chile.

CAMINHOS DA IMIGRAÇÃO ITALIANA NO RIO GRANDE DO SUL (CXVII)

OS ÍNDIOS NO BRASIL

Sempre que se trata da formação do homem brasileiro os dois grupos humanos mais destacados são os brancos e os negros. Os povos indígenas entram em segundo plano. De fato, a miscigenação com os índios foi em menor escala, mais no norte e menos no sul do Brasil. Acontece que no sul os povos indígenas foram quase exterminados. No norte, graças ao ambiente natural, cuja cobiça econômica demorou chegar, conseguiram sobreviver.

Para começar, nenhum historiador sério deixa de admitir que a pior coisa que podia acontecer aos povos, que habitavam o Brasil e as Américas, foi a chegada dos europeus da maneira como aconteceu. Os descobridores aqui chegaram com uma cultura em que, praticamente, não se reconhecia outras culturas e, até, a existência de seres humanos em terras tão distantes. Pelas diferenças de costumes, de organização social e familiar, pelo pouco desenvolvimento tecnológico, pela estranha religiosidade e, especialmente, por viverem de forma primitiva nas selvas, os civilizados cristãos se julgaram no dever, para não dizer no direito, de impor, a ferro e fogo, os valores de sua cultura cristã.

A distância entre os europeus, os portugueses no caso do Brasil, era tão grande que o primeiro passo de aproximação precisou ser dado no sentido do reconhecimento de que os habitantes da nova terra eram seres humanos, iguais a eles. A solução da questão veio com a intervenção papal que, naquela época, era o árbitro de todos os conflitos.

Portanto, a partir deste momento, houve a necessidade de respeitar os indígenas como seres humanos, mas não foi suficiente para impedir que fossem desrespeitados os direitos fundamentais de todo ser humano, entre eles, o principal, o direito à vida. Tanto que a Carta Régia de 1532 dava poderes a Martin Afonso de Souza para delegar a colonos a faculdade de cativarem os gentios. O que legalizou a escravidão do indígena. Em 1549, O Gov. Thomé de Souza recomendava cuidados com os indígenas para "atraí-los à paz para a propagação da fé, aumento da povoação e do comércio". Ao mesmo tempo ordenava "Que se fizesse guerra justa aos que se mostrassem inimigos, destruindo-lhes as aldeias e povoações matando e cativando... e fazendo executar nas próprias aldeias alguns Chefes que pudesse aprisionar enquanto negociasse as pazes" D. João VI, já no Brasil, em carta régia de maio de 1808, "ordena a guerra ofensiva aos índios da Bahia que continuareis sempre em todos os anos, e, também, manda proceder a guerra aos bugres, em SP e cercanias. Por fim, autoriza que qualquer morador que segurar alguns destes índios poderá considera-los por 15 anos como prisioneiros Na verdade, escravos. Diante disto Graça Grauna (Recife, PE 20/12/2008 21:25), escreveu: Tudo o que se faça em favor, em reparação ou em proposição a qualquer agrupamento ou nação de naturais desta terra antes da chegada do colonizador português ou outro em armas ou em cruz, ainda será pouco, tamanha é a dívida a ser resgatada".

O passado deve levar a pensar o que acontece hoje, especialmente, na região norte com o avanço do agronegócio. O que fazem lá os descendentes dos antigos imigrantes?

CAMINHOS DA IMIGRAÇÃO ITALIANA NO RIO GRANDE DO SUL (CXVIII)

A IGREJA E OS ÍNDIOS

A relação dos descobridores portugueses com os povos nativos constituiu-se numa questão difícil de ser amigavelmente resolvida, para a Igreja representou um enorme desafio, especialmente sabendo que ela era considerada o tribunal de última instância. Na verdade tudo teria sido fácil se fossem aplicadas as leis vigentes nos países descobridores.

Primeiro se as terras descobertas eram habitadas por seres humanos iguais aos descobridores mereciam o mesmo tratamento. Eles estavam aqui há milhares de anos vivendo sem precisar dos descobridores. Segundo, se eles habitavam a terra, eles seriam os seus legítimos donos. É verdade que não tinham nenhum documento, pois para eles não havia a figura jurídica de propriedade, mas apenas o uso da terra. Estes dois princípios teriam sido suficientes para exigir que os portugueses tivessem outra maneira de tratar os indígenas. Ao contrário, essas leis foram ignoradas, e se apresentaram como senhores, explorando as riquezas sem retribuição e, pior, matando ou aprisionando os que resistiam.

A Igreja, desde o início tentou, através dos missionários Jesuítas, proteger os índios como seres humanos em sua integridade física. Houve momentos em que faltou coragem e clareza diante das pressões dos interesses dos colonizadores que procuravam mão de obra barata para o trabalho nas fazendas. Houve, inclusive, momentos em que consentiu a escravidão e a violência. Vejamos dois casos. O Pe. Antônio Vieira, o grande defensor dos índios, em carta de 11.02.1660, incompreensivelmente entregou "240 prisioneiros que conforme as leis de S.M, foram julgados escravos e entregues aos soldados, por terem impedido a pregação do evangelho". Em 1718 foi autorizado comércio de índios para aplicar o dinheiro na construção da catedral do Maranhão.

Um aspecto, em parte revisto, foi a exclusiva preocupação em converter os índios ao Cristianismo. O importante era salvar a alma. Os que resistiam, infelizmente, podiam ser presos, escravizados ou mortos. Não havia nenhuma consideração pela sua cultura. Política frequente em outros países. Na Argentina, o bispo Fagnano disse: "os índios tiveram sorte em conhecer a religião e os brancos que os libertavam da selvageria e lhes abria o caminho da salvação. Tal mentalidade justificou que os brancos distribuíssem, só na Patagônia, 42 milhões de hectares para 1.800 teratenientes (latifundiários), enquanto os nativos foram vendidos como escravos e deportados, separando pais e filhos, ou mortos".

No Brasil, um fato singular e promissor aconteceu com a escolha de D. Edson Damian para a nova diocese de São Gabriel da Cachoeira. Terra de povos indígenas. Logo que entrou na pequena igreja, o cacique Hahuri o saudou assim: sãtia ekatise merã, (Entre com alegria! Seja bem vindo!). Nestas terras indígenas, D. Edson reconheceu que a Igreja errou porque os primeiros missionários acompanharam os conquistadores o que gerou "uma conquista sangrenta, de genocídio, de massacre". Um fato curioso. Alguém estranhou como um Papa tão conservador escolhera um bispo tão progressista. A explicação veio de D. Erwin Kräuter, bispo da prelazia de Xingu, "Foi um vôo rasante do Espírito Santo".

CAMINHOS DA IMIGRAÇÃO ITALIANA NO RIO GRANDE DO SUL (CXIX)

OS ÍNDIOS NO RIO GRANDE DO SUL

A presença de povos nativos no Rio Grande do Sul, anterior à chegada de Espanhóis e Portugueses, não foi diferente do restante da América e do Brasil. A região sul, diferentemente do que aconteceu em outras regiões foi ocupada, sucessivamente pelas coroas de Espanha e Portugal. O registro histórico mais importante, referente aos indígenas, está nas Reduções Jesuíticas, com maior destaque para os sete povos das missões com seu monumento maior, as ruínas de São Miguel. Entretanto, mais recentemente, foram descobertos vestígios de Reduções Jesuíticas na região de Candelária.

É importante acentuar que os indígenas das reduções eram da nação Guarani que já haviam sido cristianizados e civilizados pelos missionários jesuítas sob o domínio da Coroa Espanhola. Entretanto, o território, que abrange atualmente o Rio Grande do Sul, o Uruguai e parte da Argentina, era habitado por várias tribos com maior destaque para os Charruas, reconhecidamente um povo valente e lutador, resistente ao domínio dos descobridores. A cultura gaúcha aprecia incorporar as virtudes varonis e a bravura dos Charruas.

Viveram, no território gaúcho, desde milhares de anos vários povos indígenas. Os Charruas, certamente, foram os que deixaram um perfil humano mais influente pela sua coragem e bravura, jamais civilizados e cristianizados. Inclusive os uruguaios orgulham-se de que sua ascendência tenha contribuição também desta etnia pelo caráter indômito. O que não se pode esquecer é a história dos últimos charruas, assim chamados os quatro indígenas enviados a Paris *para estudos científicos*, remanescentes da Batalha de Salsipuedes. Eram uma mulher e três homens. Seus nomes eram *Senaqué, Tacuavé, Vaimaca Perú e Guyunusa* que, conforme registros, percorreram a Europa em circos, em apresentação falaciosa, como antropófagos do novo continente. Até pouco tempo acreditava-se que a etnia charrua pura fora extinta sem alcaçar o século XIX. Após uma luta de mais de um século e meio, a Câmara de Vereadores de Porto Alegre, em 09.11.2007, reconhecia a comunidade charrua como povo indígena brasileiro. Um evento foi organizado em conjunto pelas comissões de Direitos Humanos da Câmara Municipal, da Assembleia Legislativa e do Senado Federal.

Existem, atualmente, cerca de seis mil charruas nos países, membros do Mercosul. No Rio Grande do Sul, são mais de quatrocentos índios presentes nas localidades de Santo Ângelo, São Miguel das Missões e Porto Alegre. Entretanto, os indígenas mais presentes e mais numerosos no Rio Grande pertencem à tribo Caingangue, distribuídos em várias reservas. A sua situação, certamente, não é nada animadora. Muitos de seus problemas são oriundos da maneira como aconteceu a aproximação com os brancos. Talvez, a melhor atitude a se tomar seja ouvir atentamente a fala de um cacique, num programa recente da TVSenado. Ele fazia, com fala mansa, um apelo comovido e triste a todos para contribuir com boas idéias e iniciativas eficazes colaborando assim para salvar o seu povo, suas famílias, seus jovens, porque estão se matando pelo álcool, pela violência, pelas discórdias. Faltou fazer referência às ações corruptoras dos brancos.

CAMINHOS DA IMIGRAÇÃO ITALIANA NO RIO GRANDE DO SUL (CXX)

OS IMIGRANTES ITALIANOS E OS ÍNDIOS

Quando se quer saber, com mais detalhes, o que aconteceu nos primeiros tempos entre imigrantes italianos e índios, descobre-se que há poucas informações oficiais. Os fatos passados oralmente não são suficientemente confiáveis. A solução é retirar algumas informações, ainda que indiretamente, de alguns relatos conhecidos.

Num documento, referido no livro *Os Povoadores da Colônia Caxias*, afirma-se que o governo se preocupou em enviar emissários e peritos para averiguar a fertilidade das terras, a existência de boas aguadas, e, de maneira mais enfática, era fundamental certificar-se se essas terras eram de fato devolutas, isto é, não havia proprietários legais. O interessante é que não há uma menção, uma palavra, sobre a possibilidade dos índios serem reconhecidos como proprietários. O que mostra a total indiferença das autoridades. Eles, simplesmente, não mereciam nenhuma consideração.

Para preencher esse descaso histórico, nada melhor que resumir algumas passagens do artigo do Pe. João L. Dall'Alba, publicado no livro *A Presença Italiana no Brasil, Vol.1*. No item, *O Embate com os Índios*, ele além de lembrar as sempre citadas privações de quase tudo, ele acrescenta: "ainda precisaram, nossos imigrantes, enfrentar as tribos nômades dos índios Kaingangues. E acrescenta: Por imprevidência dos governos, os imigrantes foram enviados a derrubar a floresta de que os temíveis índios do antigo "Sertão dos Bugres Brabos, se consideravam, e eram de fato, os legítimos donos".

Diante desta situação o Pe. João faz a seguinte descrição dos fatos: "De repente o imigrante nota que as terras que o governo lhe cedeu tem outro dono na floresta. E agora? De um lado o índio defende sua terra, rouba, depreda, mata. Por outro lado o imigrante toma providencias organizando-se em expedições de guerra. Flechas contra armas de fogo. Foram terríveis expedições a massacrarem tribos inteiras". E conclui dizendo que, em solo catarinense e gaúcho, a espingarda do colono debaixo da serra e a garrucha do serrano do lado de cima foram abatendo aqueles a quem se decretara guerra implacável".

Como sempre acontece em situações semelhantes aparecem aqueles indivíduos pagos que se encarregam desse trabalho sujo, isto é, criminoso. Trata-se da figura dos terríveis "bugreiros", homens de todas as raças, nas palavras do Pe. João, especializados na perseguição dos índios. Os que resistiam eram mortos, os outros fugiam para o norte do Estado até as barrancas do Rio Uruguai. Região onde estão as maiores reservas indígenas.

A resistência mais conhecida no Rio Grande do Sul foi sustentada pelos índios coroados da tribo Kaingangue, comandados pelo cacique Marau. Até força militar teria entrado em ação. O último grupo teria sido brutalmente assassinado pelos colonos, na localidade, hoje, conhecida como São Luiz da Mortandade. Localidade a meio caminho entre Marau e Independência. De positivo sobrou o nome de um rio e de uma cidade.

O aspecto que mais intriga aos estudiosos da maneira como foram tratados os índios é que ninguém os contatou com intenções pacíficas. Eles eram selvagens, como os animais.